

Boa Vista terá uma palavra a dizer no desenvolvimento da pesca em Cabo Verde

EMBAIXADOR
JAPONÊS
APRESENTA
CREDENCIAIS

De 30 de Agosto a 3 de Setembro, o Primeiro Ministro, camarada Pedro Pires visitou oficialmente a ilha da Boa Vista.

O acolhimento extraordinariamente entusiástico que as populações boavistenses de todos os cantos da ilha reservaram ao Chefe do Executivo nacional, que pela primeira vez pisou as areias de cá, provam à saciedade quão desejada era a presença do Chefe do Governo entre as nossas gentes, de Sal-Rei à Cabeça dos Tarafes, do Rabil à Povoação Velha.

Falando num comício que se seguiu à sua chegada, Pedro Pires depois de manifestar satisfação em visitar Boa

Vista, «de estar aqui convosco» para «conhecer mais directamente a população e também conhecer localmente os problemas que mais afectam a gente da Boa Vista» — salientou: «Se pode haver alguma justificação para o atraso da minha visita aqui, é pelo facto de termos vivido nesses três anos de independência sob pressão das dificuldades de desemprego da falta de chuvas etc., que exigia constantemente ao Governo soluções imediatas».

Continuando, o Primeiro Ministro falava de uma lembrança de um Boa Vista de outrora de certo modo mais próspera economicamente. Afirmou: — **dizemos «de cer-**

Continua na 2.ª pág.

Sua Excelência Sr. Sono Uchuda, apresentou na quinta-feira passada ao Presidente Aristides Pereira as cartas credenciais que o acreditam como Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Governo do Japão em Cabo Verde.

O representante do Império do Sol-Nascente em Cabo Verde declarou durante o seu discurso de apresentação de credenciais ser uma honra para ele oficializar as relações diplomáticas que existem entre os nossos dois paí-

(Conclui na 12.ª pág.)

"Boa Vista terá uma palavra a dizer no desenvolvimento da pesca em Cabo Verde"

(Cont. da 1.ª pág.)

to modo», pois podia-se então registar com o crescimento económico ligado ao comércio, à exportação de sal, da cal, da purgueira, pelame, etc., mas estava-se longe, bem longe, de se lançarem as premissas para uma vida digna às grandes massas trabalhadoras, ao povo da ilha, visto no seu conjunto». Prosperidade sim, lá isso havia, mas para uma camada bem determinada, a dos comerciantes empreendedores, os Carvalhos e Benoniéis que, mais tarde, quando pouco podiam competir com outras entidades comerciais, escolheriam S. Vicente para exercer a sua actividade, tendo-se então escurecido a face «boa» da Boa Vista — comerciante de outrora.

Se o boavistense, às vezes, de maneira simplista se recorda do passado com nostalgia, talvez devido ao abandono

colonial cujo peso aqui bem se sentiu, hoje, pelo contrário, parece generalizado o optimismo quanto ao futuro da ilha. Aliás na sua alocução do dia 30 em Sal-Rei, o Primeiro-Ministro acentuou justamente que a Boa Vista «é uma ilha com bastante futuro» — não obstante a sua pouca população.

É já tradição (e tradição que não se irá perder, obviamente) ver-se o desenvolvimento da Boa Vista perspectivado em função do mar. A esse propósito diria Pedro Pires que a ilha terá um papel particular na pesca, vista como um dos eixos fundamentais do nosso desenvolvimento.

Mas nessa ilha de pescadores não se falou somente no mar, e o Primeiro-Ministro não foi avaro de palavras ao se referir a outros sectores, dos transportes marítimos, às ligações entre os povoados, passando pela agricultura neste Conce-

lho (que só após a independência conseguiu ter um técnico agrícola especialmente destacado para os trabalhos desse domínio tão importante) e que mereceu que dissesse que: «a agricultura da Boa Vista mesmo reduzida, não está condenada». E isto depois de copiosas chuvas terem caído em Boa Vista e de largas toneladas de água terem corrido pelo tão falado vale da Ribeira do Rabil, alagando primorosamente o terreno que dentro em breve, como

diz o poeta, se tornará «verde abundante ante a firmeza respeitada dos gabiões» — que tanta admiração suscitaram nas gentes das povoações ribeirinhas. Era só ver a alegria — menina aquosa, estampada nas faces de agricultores de Estância de Baixo, parados, lá no alto, vendo a água barrenta correr disciplinadamente com o seu quê de quente fertilidade que os dias de chuva sugerem às narinas.

Por Marino Verdeano

Duas vedetas da marinha de guerra para a Guiné-Bissau

A República irmã da Guiné-Bissau acaba de adquirir duas vedetas, construídas em França, para reforçar o contróle das suas águas territoriais e assegurar a exploração dos seus recursos piscatórios. Trata-se de duas vedetas de patrulha de longo curso.

Em declarações à imprensa, o chefe da esquadra nado a guiar a sua acção por contacto rádio.

Por outro lado, em acação de um acordo entre a Guiné-Bissau e Portugal, uma missão permanente marinha de guerra portuguesa será colocada em Guiné-Bissau durante o ano, indicou-se de autorizada em Bissau a missão prestará assis